



Conceitos cotidianos na Educação de Jovens e Adultos: Uma abordagem etnográfica no curso de Agroecologia de Ipanguaçu.

Cynthia Gabriella Cunha da Silva Soares¹, Maurício Façanha Pinheiro²

¹Graduanda do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), campus Ipanguaçu. Bolsista da CAPES. e-mail: cynthiagabriella1@gmail.com

²Docente do Instituto de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), campus Ipanguaçu. e-mail: mauricio.facanha@ifrn.edu.br

Resumo: Este artigo trás uma breve introdução dos aspectos sócio-históricos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) com o intuito de discutir relatos de uma experiência etnográfica com um grupo de estudantes do primeiro ano do ensino médio da modalidade EJA (Ensino Médio) em uma escola pública de Ipanguaçu, Rio Grande do Norte. A partir de uma avaliação escrita foi que se deu a ação metodológica. A EJA é uma modalidade de ensino voltada para pessoas que por algum motivo não tiveram acesso à educação na idade apropriada. Através de uma abordagem etnográfica que foi discutido os textos dos alunos. Por fim, foi ressaltada a importância do respeito ao conhecimento que o aluno traz de seu cotidiano.

Palavras-chave: conhecimento, cotidianos, educação, eja, etnográfica

1. INTRODUÇÃO

A história da Educação de Jovens e adultos no Brasil está bastante relacionada com as várias transformações sociais, econômicas e Políticas em diversos momentos históricos do país. No Brasil Colônia a educação de adultos tinha como objetivo instrumentalizar a população para ler e escrever apenas para cumprir trabalhos exigidos pelo estado. Até meados dos anos 40 a educação de adultos (assim chamada) era concebida como uma extensão da escola formal. Nesse período começou-se a detectar altos índices de analfabetismo no país levando o governo a criar um fundo destinado à alfabetização da população adulta. Em 1947, o governo lançou a 1ª Campanha de Educação de Adultos, propondo: alfabetização dos adultos analfabetos do país em três meses. Segundo SOARES (1996), essa 1ª Campanha foi lançada por dois motivos: o primeiro era o momento pós-guerra que vivia o mundo, o segundo motivo foi o fim do Estado Novo, trazendo o processo de redemocratização, que provocava a necessidade de aumento de eleitores no país.

Uma nova visão sobre o problema do analfabetismo foi surgindo, junto à consolidação de uma nova pedagogia de alfabetização de adultos, que tinha como principal referência Paulo Freire. Na década de 50 duas são as tendências mais significativas na educação de adultos: a educação de adultos entendida como educação libertadora (Paulo Freire) e a educação profissional (funcional). A formação dos docentes e a precária prática pedagógica causava desânimo entre aqueles que estudavam, principalmente no período noturno.

Em 1964, com o golpe militar, ouve uma ruptura no trabalho de alfabetização, já que Freire passou a ser visto como ameaça a ordem. A partir daí, deu-se o início da realização de programas de alfabetização de adultos assistencialistas e conservadores. Dentro desse contexto, em 1967, o Governo assumiu o controle da alfabetização de adultos, com a criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e em 1985, o Mobral foi extinto e substituído pela Fundação Educar. Essa nova fundação deveria fomentar programas destinados aqueles que não tiveram acesso a escola ou que dela foram excluídos.

O direito de realizar a escolaridade foi formalizado com a Constituição de 1988 e reafirmado em 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases (9.394/96), embora nessa época não se tenha implantado nenhuma política para a EJA. Em 2000 o parecer 11/2000 foi considerado o “divisor de águas” nas políticas da EJA.



“A Educação de Jovens e Adultos representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas” (BRASIL, 2000, p. 4 e 5).

Durante muito tempo, a EJA teve o intuito de superar o atraso daqueles que não sabiam ler e escrever, adotando uma concepção de educação instrumental (técnica), sem que levasse em conta a experiência de vida dos trabalhadores. Ao longo dos anos, o avanço da tecnologia e da economia tem feito com que essas pessoas sintam necessidade de retornar aos estudos para aprimorar seus conhecimentos ou conseguir um diploma atestando uma escolaridade mais elevada. Em janeiro de 2003 o MEC anunciou que a alfabetização na EJA seria prioridade no novo governo federal, para cumprir essa meta foi anunciado a criação do Programa Brasil Alfabetizado. Nesse programa a assistência seria direcionada para a formação de docentes e a alfabetização de jovens e adultos. É necessário que as políticas para a EJA sejam vinculadas com outras políticas públicas:

“É necessário superar a idéia de que a EJA se esgota na alfabetização, desligada da escolarização básica de qualidade. É também necessário superar a descontinuidade das ações institucionais e o surgimento de medidas isoladas e pontuais, fragmentando e impedindo a compreensão da problemática. É preciso desafiar o encaminhamento de possíveis resoluções que levem à simplificação do fenômeno do analfabetismo e do processo de alfabetização, reduzindo o problema a uma mera exposição de números e indicadores descritivos. Visualizar a educação de jovens e adultos levando em conta a especificidade e a diversidade cultural dos sujeitos que a ela recorrem torna-se, pois, um caminho renovado e transformador nessa área educacional.” (Arbache, 2001, p. 22).

Atualmente a educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino, amparada por lei e voltada para pessoas que não tiveram acesso, por algum motivo, ao ensino regular na idade apropriada, porém são pessoas que têm cultura própria. Essa modalidade permite uma maior flexibilidade de trabalho ao professor, que pode inovar e tentar outras estratégias para motivá-los, assim “O educando se torna realmente educando quando e na medida em que conhece, ou vai conhecendo [...], e não na medida em que o educador vai depositando nele a descrição dos objetos, ou dos conteúdos.” (FREIRE, 1992, p.47).

O docente quando não se responsabiliza pela formação (educação) que o mesmo oferece acaba não compreendendo determinados fenômenos acarretando na ausência de pensamento crítico e no comodismo. Caso ocorra o contrario, o docente exercita a capacidade de pensamento ultrapassando as barreiras do senso comum dando mais significado a determinados conceitos. Sabe-se que o papel docente é de fundamental importância no processo de reingresso do aluno às salas de aula. É atribuição do professor da EJA:

“[...] compete ao professor, além de incrementar seus conhecimentos e atualizá-los, esforçar-se por praticar os métodos mais adequados em seu ensino, proceder a uma análise de sua própria realidade pessoal como educador, examinar com autoconsciência crítica sua conduta e seu



desempenho, com a intenção de ver se está cumprindo aquilo que sua consciência crítica da realidade nacional lhe assinala como sua correta atividade.” (Pinto, 2000, p. 113).

A etnografia “(do grego *ethnos*, nação, grupo, cultura + *grafhein*, descrever) é o estudo descritivo das atividades de determinado grupo humano. Originalmente era utilizada pelos antropólogos interessados em descrever a cultura de um grupo social (a língua, a organização social, as crenças religiosas, os modos de transmissão da cultura de seu povo)”. (KUTTER, EICHLER, 2011)

Bouché (1993) entende a pesquisa etnográfica educacional como “como uma disciplina que identifica, descreve e registra as condutas do homem na sua dimensão ‘Homo educandus.’”

Neste sentido o presente trabalho pretende discutir textos de uma experiência etnográfica vivenciada com uma turma de estudantes da modalidade EJA (Ensino Médio) em uma escola pública federal na cidade de Ipangaçu, no curso de Agroecologia na modalidade de ensino EJA.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A ação metodológica foi realizada de modo não intencional através de uma avaliação escrita dissertativa com o intuito dos alunos exercitarem a produção textual e a assimilação dos conceitos, escrevendo todos os conteúdos trabalhados em sala de aula no bimestre. A turma era formada por alunos do primeiro semestre do curso técnico em Agroecologia na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os conteúdos foram os trabalhados normalmente nas séries iniciais, conceitos fundamentais da Química, como misturas, sistemas homogêneos, etc. Para melhor contextualizar os assuntos, esses foram desenvolvidos lentamente de forma dialógica e com uma abordagem do cotidiano dos alunos, geralmente de uma idade avançada e com maior conhecimento prático. Um dos assuntos escolhidos para abordar durante em sala foi a composição do mel.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao corrigir as avaliações, observaram-se nos textos produzidos, diversos comentários escritos espontaneamente sobre a didática utilizada, que caracterizam esse estudo. Ao analisar alguns textos escritos pelos alunos, tentou-se identificar as dificuldades encontradas no processo de ensino-aprendizagem. Buscamos inspiração na etnografia da antropologia, Ou seja, “a concepção da realidade sem estar pré-concebida onde o pesquisador deve estar aberto às informações, descobri-las em vez de constatar-las.” (RODRIGUES, 2008)

Quando o docente adota propostas didáticas inovadoras, ao considerar os conhecimentos cotidianos dos alunos minimizam as dificuldades da transição dos conceitos cotidianos para os científicos. “A análise da realidade com a ajuda dos conceitos precede a análise dos próprios conceitos.” (VIGOTSKY). O professor deve ampliar sua visão para que possa promover uma reflexão que provoque e fundamente a modificação na prática educativa do docente. Em um dos textos onde o aluno escreve que “[...] depois de discutirmos bem chegamos a conclusão [...]” (Aluno “B”). Esse trecho nos faz preceder que o professor permitiu que seus alunos se expressassem e argumentassem, acessando seus conhecimentos prévios, identificando quais as explicações que eles apresentam para tal situação, assim fica evidente a importância de percepção do professor.

Abaixo segue as figuras de alguns dos textos dos alunos.

constante. Teve um ótimo exemplo na aula sobre a diferença entre mistura e substância que foi o mel, depois de discutirmos bem chegamos a conclusão que o mel é uma mistura.



Figura 1. Trecho do texto do Aluno "B"

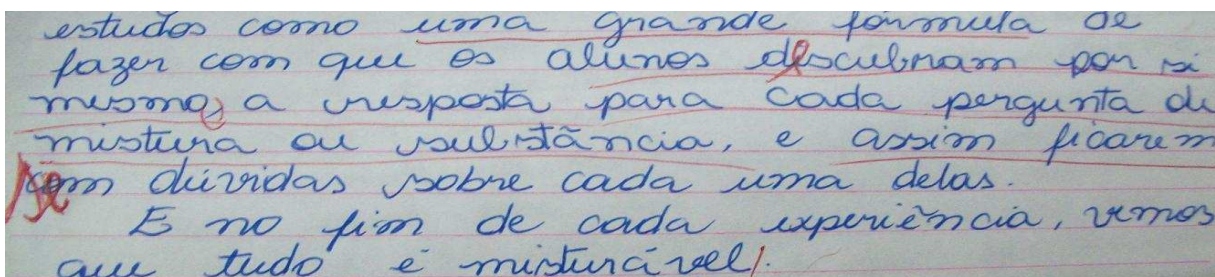


Figura 2. Trecho do texto do Aluno "C"

6. CONCLUSÕES

Na realização dessa pesquisa, em especial a parte de correção dos textos, percebemos que os saberes próximos à escola, como a composição do mel, são enriquecedores para a compreensão dos conteúdos, podendo assim fazer parte do cotidiano dos alunos e dessa forma se aproximar cada vez mais da realidade. Finalmente, é indispensável uma reestruturação na didática utilizada onde busque adaptar os saberes populares, utilizando de suas experiências de vida, para fortalecer o desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem dos mesmos.

Além disso, ficou notório a importância do respeito ao conhecimento que o aluno traz de seu cotidiano. Fazer com que o mesmo seja um ser pensante, crítico e produtor do seu conhecimento, é requisito básico ao professor. Enfim, foi evidenciado que o professor que atua com jovens e adultos deve ter uma capacitação específica para lidar com esses alunos.

AGRADECIMENTOS

A CAPES pelo financiamento do PIBID. Ao IFRN, campus Ipanguaçu, em especial aos alunos da turma da EJA.

REFERÊNCIAS

BOUCHE, H. **Antropología pedagógica**. Madrid: UNED, 1993.

BRASIL. MEC. **Parecer 11/2000** publicado no Diário Oficial da União de 19/7/2000, Seção 1, p. 18, 2000 Brasília: CNE/CEB 1/2000, , publicado no Diário Oficial da União de 19/7/2000, Seção 1, p. 18, 2000. disponível em <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf> acessado em 10 de julho de 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

RODRIGUES, Luzia Celeste. **Abordagem etnográfica: possibilidades e desafios na pesquisa de mercado**. São Paulo. Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, 2008. p 10.

SOARES, Leôncio José Gomes. A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais. **Revista Presença Pedagógica**, v.2, nº11, Dimensão, set/out 1996.

KUTTER, A. P. Z., EICHLER, M.L., A Educação em Biologia na Educação de Jovens e Adultos (EJA): Etnografia de uma experiência biocêntrica na escola. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação de Ciências**, v. 11, nº 2, 2011.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.